

SITUAÇÃO PROBLEMATIZADORA DA PESQUISA: PED I COMO EIXO TEMÁTICO DE INTERESSE “EDUCAÇÃO, TEMPOS E ESPAÇOS” *

Maria Magália Giacomini Benini **
Valeska Fortes de Oliveira ***

RESUMO

Este artigo resulta da pesquisa mobilizada com os professores formadores do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) nas turmas Anos Iniciais e Educação Infantil da disciplina articuladora PED I no primeiro semestre de 2005. O texto objetiva apresentar a situação problematizadora da investigação, atravessada pelo eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”. Diante desse dispositivo, a escritura aponta para a possibilidade inovadora de compartilhamento de saberes docentes e da troca de experiências vivenciadas no exercício docente do ensino superior. A metodologia movimenta-se acerca da formação e da autoformação do professor universitário, numa proposta reflexiva, através da História de Vida dos cinco formadores, sujeitos/atores do processo, num percorrente ativo, diante de uma experiência teórico-metodológica inovadora, que é a PED I. As experiências docentes são produtoras de saberes e estão para além de apontar deficiências na formação e na profissão do professor formador. Segundo Brandão (2003), viver um momento de professor reflexivo ao longo de suas palavras é viver um momento de autoformação, é investir-se a si, é inovar. A disciplina articuladora – PED I investigada – desenvolve modalidades inovadoras centradas na confluência teoria e prática no exercício docente do ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação e autoformação. Experiência inovadora. Ensino universitário. Professor formador

*Artigo que apresenta ao leitor parte da Dissertação de Mestrado “Possibilidades de aprendizagens do professor universitário numa experiência pedagógica interdisciplinar”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, em dois de outubro de 2006.

**Autora, Mestre em Educação - Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Rede Estadual de Ensino.

*** Orientadora da Dissertação, Professora Doutora em Educação (CE/UFSM).

SITUAÇÃO PROBLEMATIZADORA DA PESQUISA: PED I COMO EIXO TEMÁTICO DE INTERESSE “EDUCAÇÃO, TEMPOS E ESPAÇOS”

O AUTO-RETRATO

No retrato que me faço
- traço a traço –
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore ...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança ...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- passo a passo –
minha eterna semelhança,
no fim, que restará?
Um desenho de criança ...
Corrigido por um louco!
(Mário Quintana)

Mário Quintana é articulador de conhecimento, é subjetividade, é emoção, verbos na primeira pessoa. Se leio o mundo entre um verso e outro – espaço em branco – o broto que se expressa está centrado nos sentimentos, na imagem, no imaginário. Quase realidade ou realidade, “ou coisas que não existem, mas que um dia existirão”. Dos sonhos e utopias nasce o verdadeiro, o real. Nessa leitura poética, onde se escreve a linguagem já filtrada, filmo a vida por inteiro e celebro a idéia de que os poetas são interdisciplinares e compartilhadores do seu conhecimento. A vida também é.

Nas observações de Trindade e Laplantine (1997, p. 73), o que caracteriza a sociedade moderna é o dualismo: de um lado a subjetividade, a paixão, a produção de imagens pela afetividade; do outro, a objetividade, a razão, a concepção de idéias elaboradas. De um lado, a embriaguez do imaginário que festeja; do outro, a sobriedade da ciência que trabalha. A ficção precede, muitas vezes, a realidade das descobertas científicas e de suas aplicações. “Antes de ser pensadas por cientistas, muitas invenções foram primeiro imaginadas por poetas”. Essas criações permeiam por saberes globais.

Falar da poesia, de Mário Quintana é assertiva que nasce da ação reflexiva entre as apresentações dos trabalhos avaliativos finais da PED I - Anos Iniciais e Educação

Infantil do Curso de Pedagogia no CE/UFSM - no primeiro semestre de 2005. Entre as belíssimas e significativas histórias de vida apresentadas pelos alunos das turmas¹ está aquela em que Mário Quintana faz dobradinha quente, fora desse tempo e desse espaço, como diz Fernando Pessoa. Porém entrelaçada pelos mesmos desejos, imaginários e emoções daquelas presenciadas nas falas desses alunos. Entre o território de lembranças, tomo por empréstimo para acerrar meu Diário de Campo esta: a dinâmica contornada pelos poemas de Quintana, que, com certeza, foi muito criativa.

Com esse dispositivo, posso dizer que acompanho a construção da PED I através da participação nos encontros dos professores da disciplina e, também, nos encontros com os alunos. Esses encontros acontecem nas segundas-feiras de todo o semestre: uma segunda-feira, o planejamento dos professores; na outra, atividades com os alunos. Participo, então, da problematizadora inovação universitária: PED I. Foram, ao todo, dezoito encontros de observação no semestre.

O poeta vai construindo sua história de vida em cada poema. História de Vida é ciência humana, é investigação, é construção. Em se tratando das atividades apresentadas pelos alunos da PED I em observação, através da história oral, compactuo com o enunciado:

[...] vi trabalhos excelentes [...] tive a oportunidade de escutar relatos muito significativos sobre a história de vida dos alunos, tive a oportunidade de ler trabalhos, relatórios que considerei momento de aprendizagem [...] Isso eu guardo com muita atenção [...] Às vezes a gente constrói representações a respeito de uma pessoa, mas não sabe quais são os sentimentos que estão ali, o que essa pessoa vive, por que dificuldades e alegrias ela passou. Eu aprendi com os trabalhos desses alunos (SUJEITO/ATOR IV).

A História Oral promove a reconstrução de experiências significativas capaz de localizar acontecimentos vindos ao longo do processo de construção da trajetória de vida, da formação. Nessa direção é que se realizam os trabalhos avaliativos dessas turmas.

Santos (1989) aponta por momentos de mudanças paradigmáticas, onde o conteúdo científico pode não estar sendo considerado o de maior valoridade no processo de formação docente. Há outros elementos que também fazem suas demarcações na

¹ A proposta de trabalho avaliativo para o final do semestre da PED I do Curso de Pedagogia do CE/UFSM, no primeiro semestre de 2005, além de produções outras, insere-se a apresentação oral e escrita da história de vida de cada graduando no que diz respeito às vivências educativas, remetidas ao trabalho da memória desde a infância até essa data. É um trabalho que atravessa um processo metodológico interdisciplinar.

esfera construtora do conhecimento. O que antes parecia essencial, agora pode ser periférico, segundo Anastasiou (2004). É necessário analisar a vida por inteiro.

Na opinião de Isaia e Bolzan (2004, p. 125), compreendo que a construção do papel de ser professor é coletiva e se faz também na prática da sala de aula e na atuação cotidiana. Assim “as trajetórias pessoais e profissionais são fatores definidores dos modos de atuação do professor, revelando suas concepções sobre o seu fazer pedagógico”. A formação advém de todos os percorrentes da vida. Dessa maneira, o professor, nesse caso o formador, é premiado a ser um constante aprendiz.

Ao se pensar na docência do ensino superior, as pesquisadoras Isaia e Bolzan (2004, p. 122), ressaltam ainda que “torna-se necessário refletir sobre como se aprende a ser docente nesse nível de ensino”. Até mesmo uma atividade acadêmica construída na troca de saberes, entre os pares que a conduz, bem desenvolvida, pode ser processo de aprendizagem e de construção de competências para o formador.

[...] é preciso que o contexto acadêmico compreenda que o docente, além de ensinar a pesquisar, em seus domínios específicos, necessita investir na dimensão pedagógica da docência, construindo-a através de um processo reflexivo em que se tornem sujeitos de suas práticas (ISAIA E BOLZAN, 2003, P. 248).

Os graduandos dos Anos Iniciais e Educação Infantil construíam suas falas, nessa atividade pedagógica, para além das vivências da escola. Conectaram-se ao familiar, ao social, ao virtual, sendo pesquisadores de sua atuação. O transitar por essas vivências pode possibilitar aos futuros professores, desde já, uma reflexão sobre suas experiências e suas utopias, também como olheiras dos seus professores de início da escolarização. Esse olhar ao início de sua formação pode levá-los a seguir esses professores ou não.

Ao professor é importante estar vivendo processos que o desinstale, que o instigue a atitudes inovadoras, coletivas. O professor formador é, em certo ponto, responsabilizado à mobilização de inovações acadêmicas. Na eloquência das representações docentes, é conexa a citação de Oliveira (2003, p. 260) quando configura o pensamento ao dimensional de ser professor: “as representações sobre a docência, sobre o que é ser professor, construídas durante os processos de escolarização do sujeito, são acionadas no momento em que ele está no espaço da sala de aula”.

As lembranças contadas através da História de Vida são um avanço na proposição do conhecimento de si e do coletivo. Os professores formadores da PED I, durante as

apresentações desse memorialístico, reportam-se, talvez, a reflexões analíticas. Na experiência de “lidar” com História de Vida, com História Oral, Oliveira (2005, p.94) aponta para que “a história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva”. Comenta que, à medida que cada indivíduo conta sua história, este se envolve em um contexto sócio-histórico considerado.

O trabalho sobre História Oral, apresentado pelos graduandos da PED I, vai se constituindo pela escavação insistente no reservatório dos “guardados da memória”, que são as lembranças. A PED I transita pelo eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”, com o objetivo de produzir conhecimento compartilhado entre as demais disciplinas, mas também objetivando mexer com a memória em seus diferentes tempos e espaços.

Os professores, através de projetos conjuntos, articulam a prática educativa do semestre em investigação, visando romper superposição de conteúdos através de uma articulação interdisciplinar. A citação apresenta o eixo temático de interesse da PED I, o qual objetiva situar o aluno nos diferentes tempos/espaços em que vai se construindo a formação:

Este eixo refere-se aos conhecimentos básicos do pensamento educacional nos campos da Psicologia da Educação, da História da Educação, da Sociologia da Educação, da Filosofia da Educação e suas articulações com as práticas educativas. Nesse eixo articulador pretendemos situar o aluno frente ao objetivo de sua formação profissional (CCP – Coordenação do Curso de Pedagogia – CE/UFSM – Resolução CNE/CP 02/2002).

Construindo possibilidades inovadoras de compartilhamento no contexto universitário: PED I

A PED é a nova disciplina do Curso de Pedagogia do CE/UFSM que, dentro de uma metodologia de compartilhamento, assume o papel de eixo temático articulador entre as demais disciplinas do Curso. Em cada semestre é apresentado um tema específico, objetivando a flexibilidade e a complementação da formação acadêmica, bem como aprofundar e/ou diversificar os conhecimentos relativos a essa formação.

A articulação dentro dos moldes da interdisciplinaridade chama o professor formador ao exercício da pesquisa para além de sua prática, pois ele precisa saber o que vai falar para o coletivo, que possa acrescentar, que possa somar. Dessa forma, vai-se permitindo criar certo amadurecimento da sua disciplina, conectando ao processo

conhecimentos das outras disciplinas. O planejamento das PEDs é quinzenalmente, através de reuniões organizacionais, seminários de discussões temáticos, encontros pedagógicos condizentes e capacidade de relações. Esses fenômenos viabilizam formação continuada para os formadores inseridos no processo.

O professor formador, diante de uma metodologia interdisciplinar, precisa ter uma compreensão crítica da totalidade social, numa perspectiva dialógica e integradora com o grupo. Para isso a sua ação é fundamental, partindo do individual para o coletivo. Dentro dessa visão conjunta, a dialogicidade acontece através da conversa com outros conhecimentos, com o próprio mundo. Pois o interdisciplinar acontece em torno do cotidiano, para além das limitações da disciplina.

Num olhar curioso aos depoimentos dos sujeitos/atores da pesquisa remetidos à articulação interdisciplinar e ao compartilhamento dos saberes docentes, tento perceber como a PED I investigada é compreendida pelos professores formadores:

A PED tem o significado de tentar fazer uma certa síntese, ou seja, a chamada interdisciplinaridade. [...] A interdisciplinaridade deve acontecer de uma forma natural. É uma construção tão bonita, tão natural, entra até sentimentos, uma relação bem humana [...] se dá no processo de relações, de experiência, pelo processo de vivências das disciplinas (SUJEITO/ATOR V).

A PED é um momento onde nós estamos articulando questões que devam retornar depois para cada disciplina. [...] Entendo eu que trabalhar interdisciplinarmente [...] o mais importante é poder sentar com meus colegas de PED e discutir, construir uma disciplina, que não tem um conteúdo programático pronto [...] que estamos construindo (SUJEITO/ATOR IV).

A PED é articular todas as disciplinas de um determinado semestre, devendo se situar numa interdisciplinaridade. [...] que você deva expor o seu conhecimento disciplinar e compartilhar esse conhecimento com seus colegas (SUJEITO/ATOR III).

Os eixos articuladores das PEDs objetivam organizar a temática proposta através de ementas, dinamizando as áreas do conhecimento com as práticas formativas. Nesse sentido, os professores do semestre devem construir e possibilitar a concretização de projetos coletivos, encaminhando as práticas formativas. Dessa forma, são compreendidas a necessidade e a importância de realizar reuniões de planejamento conjunto, discutir práticas formativas, que permitam inserir todas as disciplinas nas atividades do projeto.

Compreendo, através das falas dos sujeitos/atores, que é desse planejamento inicial coletivo que se desencadeiam todas as atividades do semestre, e, dessas

atividades, é que se constrói a PED. Essa construção deve olhar também para o desejo dos alunos. Acompanho esse movimento, essa dinâmica pelo meu Diário de Campo. Explica o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia (CE/UFSM, 2002):

Um trabalho desenvolvido compartilhadamente pelos docentes e discentes de um Curso, mediadores reflexivos, sustenta propostas de formação mais condizentes com as necessidades acadêmicas e, ao mesmo tempo, desencadeia práticas investigativas na escola. Consideramos, assim, o ir e vir entre os saberes da universidade e os saberes da Escola, e a reflexão sobre eles, com focos importantes do trabalho a ser desenvolvido na formação inicial.

Dentro do quadro da formação acadêmica é necessário visualizar que o professor universitário esteja consciente de seu mérito em estar sempre em formação continuada, acompanhando as redes públicas e privadas de ensino em seu cotidiano escolar. Esse entrelaçamento pode estar se consolidando também nas oito disciplinas articuladoras - uma em cada semestre – que são as PEDs, num processo aprendente.

O foco do ensino de pesquisa na formação docente é o próprio processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares no âmbito das Diretrizes Curriculares, BRASIL/CNE (2002). Pesquisar é estudar, é especializar-se, é mexer com o já instituído, é ressignificar, é descobrir, é instituir, é significar, é articular.

O eixo articulador “Educação, Tempos e Espaços” está composto por objetivos que se referem aos conhecimentos básicos do pensamento formador nos campos da Psicologia da Educação, História da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, Educação Especial, Bases da Pesquisa e suas articulações com as práticas docentes. Exercer a docência do ensino superior atravessado pela proposta teórico-metodológica-articuladora, através de eixos temáticos de interesse, pode ser uma inovação universitária.

Segundo Zabalza (2004), é abundante a produção sobre a universidade, mas continua faltando visões de conjunto que permitam, ao menos a quem nela trabalha, fazer uma idéia completa do sentido e da dinâmica da universidade. Este autor mexe com a necessidade de articular inovações, entrelaçando cenários e protagonistas do ensino superior.

No entendimento de Cunha (2000), a universidade deve caminhar para investigações de experiências inovadoras, que possam ser interessantes alternativas para

a melhoria do processo educativo. Assim fazendo, estas podem contribuir para que a universidade e os sistemas educativos sejam uma alternativa a elas próprias.

Lucarelli (2000) pronuncia-se afirmando que há necessidade de criar espaços para a problematização e mobilização de teorias e práticas, possibilitando a troca de experiências que deram certo entre os pares. A pesquisadora afirma que a experiência inovadora pressupõe uma relação dinâmica entre teoria e prática.

Diante desta ótica, a PED I é uma inovação. São várias experiências, tantas idéias que precisam juntar. A experiência inovadora faz-se entender que as disciplinas são complementares umas com as outras, que tudo é uma ciência. Estas pérolas dos sujeitos/atores da pesquisa, no que diz respeito à metodologia da PED I como inovação universitária, fazem-se ver como manifesto conclusivo do enunciado, apresentando a PED I com processo metodológico inovador:

Se tu olhares para a grade curricular e pensares que existe uma disciplina chamada PED durante oito semestres do curso, com eixos temáticos diferentes, onde o professor precisa sentar coletivamente para construir o caminho em que esses eixos temáticos possam andar, inovou totalmente (SUJEITO/ATOR IV).

A PED é “a” inovação. No início eu tinha receio, mas hoje eu acredito muito. Tem tudo para dar certo: como princípio de idéia, como prática diferenciada, como possibilidade de troca interdisciplinar e interpessoal. Eu penso que é a grande inovação (SUJEITO/ATOR II).

Toda a coisa nova é inovação. Toda a coisa nova, diferente é inovação. Toda a inserção motivadora, ou que aspira, ou que pretende modificar algo, em termos de modificar para melhor, é uma inovação. Mesmo frustrada é uma tentativa inovadora (SUJEITO/ATOR III).

Sujeitos/atores da pesquisa: metodologia investigativa, apresentação e escolha profissional

[...] esse aspecto de “ser professor” foi acontecendo de uma maneira lenta, através da formação continuada (SUJEITO/ATOR I).

[...] eu acho que tem uma grande influência da minha avó na minha docência. Ela foi uma grande alfabetizadora (SUJEITO/ATOR II).

Encaminho a pesquisa na posição de abertura para um espaço reflexivo, através de suas histórias de vida, aos professores formadores do Curso citado, os quais são chamados, carinhosamente, nesta construção de resultados, de sujeitos/atores. São convidados para além de apontar deficiência na formação e profissionalização, para que possam se olhar como professores pesquisadores de suas próprias práticas, indo além da “terra firme” no processo da inovação universitária.

Mexer com o imaginário instituído, com a solidez desses profissionais é possibilitá-los a perceber o equilíbrio entre o institucionalizado e ao que precisa ser instituinte pela demanda social. Pisar no “arenoso”, no novo, talvez, são descobertas. Chamo-os também de comunidade produtora de argumentação em homenagear a Marques (2002). O pesquisador Marques assim nomeia àqueles que são “miolo” das investigações junto ao pesquisador. Sujeitos/atores para Tardif (2002) são sujeitos do conhecimento e atores de suas descobertas.

“Viver um momento de professor reflexivo ao longo de suas palavras” (BRANDÃO, 2003, p. 17), é viver um momento de autoformação, é investigar-se a si mesmo, é inovar. Através deste dispositivo, o pesquisador afirma que há uma significação interessante em questionar-se quanto às ações formativas de/e/por cada docente. Essa significação acontece em cada entrevista realizada. Ao término de cada entrevista, percebo-me um pouco mais docente. Sinto-me por demais respeitada pessoal e profissionalmente pelos sujeitos/atores, sinto-me pesquisadora que aprende.

Há mais preocupação de pensar a dimensão social da pesquisa enquanto um dos instrumentos de criação solidária do conhecimento e de possíveis ações de teor político pedagógico, do que a intenção de propor teorias pós-modernas e métodos inovadores e confiáveis de pesquisa científica. Quando isso acontece, entre uma página e outra, é porque antes a questão refletida foi vivida em um momento de diálogo entre pessoas que descobriram a pesquisa sobre educação como uma dimensão e um dilema da própria experiência de ser educador (BRANDÃO, 2003, p. 11-12).

Na PED I, compreendo a criação solidária do conhecimento acontecendo. O interessante é que as atividades que se desenvolvem na PED I expressem uma ampla relação com os anseios da sociedade. Percebo essa mobilidade na docência dos cinco professores formadores entrevistados.

Os sujeitos/atores, assim nomeados, são cinco professores do ensino superior, de diferentes áreas do conhecimento, que exercem sua ação/profissão para além da área específica e de apontar deficiências na formação. Articulam suas disciplinas através do

eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”, num processo de inovação universitária compartilhada. Esses formadores desenvolvem modalidades inovadoras centradas na articulação teoria/prática. Outras pérolas gravadas nas entrevistas com os formadores, agora, no que diz respeito à escolha profissional:

[...] quando entrei no Curso de Pedagogia é que me encontrei. Não poderia eu ter sido outra coisa senão docente. A docência para mim é uma coisa alegre, que até hoje poucos sabores eu senti [...] Porque essa coisa de contato com alunos, essa compensação que traz esse contato, a inter-relação com as pessoas [...] para mim é uma coisa importante (SUJEITO/ATOR II).

[...] a terceira etapa foi quando cheguei ao Brasil e me tornei professor de Planejamento Educacional no Curso de Pós-graduação em Educação para o Mestrado [...] quando existia ainda uma espécie de área de concentração com eixos temáticos (SUJEITO/ATOR III).

[...] eu sempre ouvi da minha mãe que ser professora era muito importante pra mulher. Então a minha mãe falava o seguinte “nada melhor do que ser professora”, porque a mulher pode casar, pode construir sua família e, assim, ainda vai poder se organizar, dar suas aulas (SUJEITO/ATOR IV).

[...] Eu conto um pouco da história porque o magistério tem que ser feito por pessoas que não são afobadas diante de possíveis ameaças [...] com pessoas da guarida, porque tu não vai trabalhar com convicção, você forma pessoas. O magistério tem que ser feito com liberdade (SUJEITO/ATOR V).

A qualidade da pesquisa está também na abertura que o sujeito/ator conquista em investigar-se a si, na sua docência, transformar os resultados em argumentação para a investigação de sua própria prática, além de fornecer dados empíricos qualificados para somar na teorização, mobilizada pelo pesquisador. Lucarelli (2005) aponta para a metodologia qualitativa de investigação na busca de uma maior profundidade entre o processo formativo e o objeto social complexo em questão. As análises dos resultados são de caráter qualitativo.

A pesquisa encaminha-se para narrativas semi-estruturadas, abertas, com pouca intervenção, deixando espaço para que as falas ganhar corpo. Cada sujeito/ator pode falar de sua docência, sua licenciatura, suas atividades interpessoais, sua auto-reflexão, suas implicações, seus estranhamentos, sua escolha profissional. Através da entrevista semi-estruturada é possível que o pesquisador compreenda a questão dicotômica entre razão/emoção que envolve os sentimentos de seu convidado na pesquisa.

[...] se eu olhar a criança, se olhar e observar, eu sentia dentro de mim que era isso [...] um trabalho, no caso de professor, nessa área mais humana, com aquela profissão mais perto [...] eu queria (SUJEITO/ATOR V).

[...] eu sabia que sem a docência, sem a participação do aluno e de outras equipes de ordem acadêmica, eu não poderia dar prosseguimento a essa expectativa: conviver com a história (SUJEITO/ATOR III).

[...] Vi que tinha disciplinas como a Psicologia, como Problemas de Aprendizagem. Então eu disse: “é isso aqui, é isso que eu quero. Aqui que vou me encaixar”. Então eu decidi fazer Pedagogia para Anos Iniciais, onde iria acontecer o processo de alfabetização (SUJEITO/ATOR II).

[...] Eu observava todo o trabalho dessa professora. Ela fazia no seu caderno o diário [...] Eu observava os movimentos dessa professora, as atividades [...] da forma como ela elaborava, organizava, construía a sua rotina docente (SUJEITO/ATOR IV).

O enunciado analítico dessas escolhas aponta para a direção das licenciaturas como profissão. O profissional ganha seu espaço num tempo próprio de cada sujeito/ator e, com certeza, essas escolhas passam por um processo reflexivo quanto o papel da profissionalização. A construção desse trabalho investigativo acontece dentro da possibilidade de que eu, como pesquisadora, também possa revisitar a minha trajetória.

Outro indicativo relevante, quanto minha escolha profissional é a questão de que duas de minhas tias são professoras multisseriadas que, me levam para suas escolas – interior do município – na intenção de que eu contribuísse no entretenimento de seus alunos, principalmente na hora do recreio. Pois, a escola não possui área coberta, e os alunos não podem sair do único espaço deles: sala de aula. Sendo que as minhas tias não são apenas multisseriadas, elas são “multifuncionais”, pois exercem a função, além de professoras para todas as séries, a de merendeira, serviçal, secretária, coordenadora, diretora... No exercício de todas essas outras funções, impossibilita-as de cuidá-los durante o recreio chuvoso. Talvez, esse tenha sido um fenômeno que também contribui para a escolha da minha docência (PESQUISADORA).

Cabe ressaltar que a escolha da profissão dos sujeitos/atores da pesquisa contempla o comentário de que todos são professores que anunciam um encantamento pela profissão escolhida e que o vigor merecido pelo processo da profissionalização está contido em cada um deles. A docência é, para esses formadores, parte ativa da vida.

Espaços e tempos de formação e autoformação: dimensões múltiplas para além de apontar deficiências

Trouxe esse bolo para comemorar o meu aniversário. Após a reunião, no coletivo, vamos compartilhar essa construção gastronômica [...] Meu aniversário não é hoje, é em dez de outubro, comprovo pela identidade. Veja! [...] O bolo é em celebração aos nossos momentos de construção coletiva, de planejamento coletivo [...] Há muito eu não me encontrava com meus colegas. Tive a oportunidade de conhecê-los melhor nesse semestre. Os encontros em si demonstram uma construção valorosa (SUJEITO/ATOR III).²

² A citação referente é demonstração valorosa dos sujeitos/atores III da pesquisa, em decorrência de sua última reunião no construto coletivo de conhecimento, através do eixo temático articulador “Educação, Tempos e Espaços” da PED I. O professor está ausentando-se da UFSM para o exterior antes da avaliação final. O bolo, então, carrega a representação de que o processo inovador – PED – é de interesse do professor e, também, acena

Ao iniciar o Diário de Campo referente ao planejamento da PED I, tento compreender as atividades propostas pelos docentes do ensino superior: as palavras, os gestos, as entonações de voz, a demonstração de interesse no trabalho inovador, o comprometimento com o planejar coletiva e compartilhadamente a construção formativa do conhecimento. Dentro dessa perspectiva, os sujeitos/atores põem para o telão analítico seus anseios e seus desabafos.

[...] na verdade nós ainda temos uma cultura extremamente disciplinar, e para romper com essa cultura disciplinar exige que você deva expor o seu conhecimento disciplinar e compartilhar esse conhecimento com seus colegas, tentando realmente relacionar o que existe de comum na sua disciplina com as outras disciplinas e construir um conjunto de saber interdisciplinar (SUJEITO/ATOR II).

[...] poder olhar os diferentes pontos de vista, compreender que eu não tenho a verdade. Que a minha disciplina na qual trabalho é um pequeno espaço de produção do conhecimento. Esses conhecimentos são construídos no coletivo a partir de outros pontos de vista. Então, respeitar o ponto de vista dos outros, aprender que pode se pensar sobre uma mesma situação de outras maneiras, sem necessariamente entrar em conflito mais sério [...] Isso é muito positivo (SUJEITO/ATOR IV).

O professor não está informado sobre a área de competência do outro colega, por ser um colega. Um não conhece o estudo e a profundidade do que o outro colega aborda na sua disciplina e como as aborda. [...] É a convivência entre docente e alunos que possa levar, que possa conduzir ao surgimento da fraternidade, de uma relação mais humana, não apenas uma relação administrativa, profissional entre colegas professores (SUJEITO/ATOR III).

Há o momento de os sujeitos/atores enfatizarem algumas “queixas” quanto ao planejamento da PED I e, assim, o sujeito/ator III se manifesta: “Eu não sei se realmente esta concepção de interdisciplinaridade acontece na PED I. [...] eu poderia dizer que estamos numa fase de tentativa, me parece que futuramente poderia se montar uma identidade completa para essa disciplina”. Outro depoimento queixoso está nas falas do sujeito/ator II, quando afirma que “[...] o objetivo da PED I é articular todas as disciplinas, devendo se situar numa interdisciplinaridade. Por questões que perpassam à subjetividade, que são muito difíceis de se trabalhar, muito temos ainda que aprender nessa relação interdisciplinar”.

Embora concedido um espaço para as queixas, vejo, acima de tudo, o querer inovador, a contribuição mútua. Essa apropriação é interessante para que se possa discutir realmente as práticas docentes, ou práxis que é de maior comprometimento, de

para o reconhecimento do trabalho interdisciplinar/ compartilhado. Diz ele que as inovações universitárias devem ser experimentadas e assumidas pelos professores formadores.

maior reflexão de si e do coletivo docente. Vejo o “bolo” sendo compartilhado em nome do conhecer-se mais, do planejar juntos, da interlocução entre os pensantes da inovação.

Essas experiências foram muito gratificantes, eu tenho muitos aspectos para relatar. Eu vejo que depende muito do papel da gente para formar estes futuros professores, porque eles vão ser base da formação dos jovens, das crianças logo mais. E esse olhar diferenciado do professor, não fragmentado, mas num olhar de conseguir engajar diferentes disciplinas, talvez numa forma interdisciplinar é necessário para construir conhecimento (SUJEITO/ATOR I).

Então, tanto os nossos momentos particulares, individuais quanto os encontros com os nossos alunos se pode considerar situações de troca de conhecimento [...] o caminho mais complexo que a gente tem é sentar, enquanto grupo, e articular todo aquele momento de construção (SUJEITO/ATOR IV).

[...] Quando tu te aproprias de fato desses saberes tu tens uma prática de compartilhamento [...] A PED possibilita a gente se olhar como professor, como colega, como Centro de Educação. Acho que poderia ser espaço de boa convivência [...] eu faço tudo para que a PED dê certo (SUJEITO/ATOR II).

O que eu acho fundamental é quando se dá esta integração na PED, essa troca, ou interdisciplinaridade. [...] A PED dá uma oportunidade para um grupo maior desprender-se para outros assuntos, que poderiam ser ditos como triviais, mas que não são triviais. É um tempo e um espaço de opiniões (SUJEITO/ATOR III).

Em se tratando do eixo temático da PED I, as palavras “tempos e espaços” tem um significado muito profundo, porque tudo está dentro de um tempo e de um espaço. Envolve toda a humanidade, é algo similar. Essas palavras ensinam a conhecer certas peculiaridades, certas características do humano, nesse caso do colega, do aluno. O tempo e o espaço do aluno, na sua individualidade, é diferente do tempo e do espaço do colega, o tempo e o espaço do professor é diferente daquele do aluno. “Nós precisamos dar identidade a esse eixo temático” (SUJEITO/ATOR III).

Que relação é necessário que se faça entre o tempo e o espaço da educação para que o objetivo da disciplina articuladora seja contemplado? Na opinião dos sujeitos/atores, na PED I:

[...] Na PED I, a gente conseguiu articular melhor, no primeiro semestre de 2005. Nesse semestre, a gente trabalhou o livro Ateneu, filmes e textos complementares, que apontaram para bons resultados [...] Então no eixo temático “Educação, Tempos e Espaços” os alunos puderam trazer as fotos e a memória de sua história de vida, dessa forma, ficou bem clara a questão de tempos e espaços na vida dos alunos. Por isso também é que eu levo fé na PED, que a PED é um exercício que a gente vai aprimorando. [...] É quem abraça a causa e tem participação assídua que consegue crescer na PED e fazer a PED crescer (SUJEITO/ATOR II).

Eu acho que a gente conseguiu, talvez não cem por cento, trazer a relação espaços e tempos para as aulas, isso foi percebido quando os alunos trouxeram suas vivências, nós trouxemos as nossas, a gente procurou realmente situar a nossa experiência para esse eixo, no caso as pessoas que falaram. Eu acho que

a gente conseguiu bem essa relação. [...] o livro Ateneu tenta mobilizar tempos e espaços na Educação (SUJEITO/ATOR II).

[...] A PED é um ganho e possibilita sim o professor situar tempos e espaços nos seus conteúdos programáticos, basta que você esteja disposto, aberto, “desarmado” [...] o eixo temático proporciona este momento de desarme (SUJEITO/ATOR IV).

Nesses encontros de planejamentos, os professores formadores percebem a necessidade de formação continuada, permanente para o exercício da docência. No estar nesses encontros de planejamento, o que se discute, os estudos que se faz, os textos e livros que se lê, tudo é formação, é autoformação. São diversas as atividades propostas para PED I em investigação. Porém decido centrar-me na construção e apresentação da História de Vida dos graduandos para escrever este artigo. As outras atividades também estão no Diário de Campo e podem se transformar em escrituras futuramente.

Diante da relação tempos e espaços na educação como eixo temático de interesse da PED I, em fendas conclusivas, os achados da pesquisa apontam acerca de que a PED I é um espaço e um tempo articulador em construção. Essa construção acontece pela formação dos formadores, que deve ser contínua, permanente, que se concretiza no cotidiano docente, na experiência coletiva docente. A PED I investigada apresenta um espaço e um tempo de formação e autoformação para o formador, constituindo-se numa experiência inovadora de caráter interdisciplinar. É uma experiência teórico/prática inovadora.

Nesse artigo transito pela dimensão metodológica da pesquisa, envolvendo a PED I no Curso de Pedagogia³ como proposta inovadora. Essa inovação é o caminho por onde percorre o eixo temático “Educação, Tempos e Espaços”, apontando para um novo e importante processo articulador das disciplinas. Nesse transitar está parte das investigações da pesquisa, as quais podem dizer da possibilidade de aprendizagens do professor universitário numa experiência pedagógica interdisciplinar, a exemplo da PED I em investigação.

³ - Cada semestre, a programação da disciplina articuladora é planejada de maneira diferente, ficando a cargo do grupo de professores envolvidos planejar, executar e avaliar conjuntamente as atividades propostas e desenvolvidas. A forma de como fazer essa articulação e o conteúdo das PEDs modificam-se a cada semestre, bem como o eixo temático articulador também é diferenciado a cada semestre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, L. das G.C.; ALVES, L.P. **Processos de ensinagem na universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: Univille, 2004.

BENINI, M.M.G.; BRANCHER, V.R.; OLIVEIRA, V.F. de. **Saber ser, saber fazer:** a formação de professores num complexo processo de conhecimento de si. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2005. No prelo.

BRANDÃO, C.R. História do menino que lia o mundo. **Fazendo História**, Veranópolis, RS, 3. ed., n. 07, 2001.

_____. **A pergunta a várias mãos** – a experiência da pesquisa no trabalho da educação. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL/CNE. **Diretrizes curriculares para a formação de professores**, 2002.

CUNHA, M.I. **O professor universitário na transição de paradigma**. Araraquara: JM, 1998.

_____. Inovação como perspectiva emancipatória no ensino superior: mito ou possibilidade? In: CANDAU, V.M. (org). **Ensinar e aprender:** sujeitos, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Trabalho docente na universidade. In: MOREIRA, J.C.; COSTA, F.L. T.; MELLO, L.M.B. (orgs.). **Pedagogia universitária:** campo de conhecimento em construção. Cruz Alta, RS: Unicruz, 2005.

ISAIA, S; BOLZAN, D.. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende?. Dossiê: formação de professores e profissionalização docente. **Revista do Centro Educação**, Santa Maria, RS: UFSM, v.29, n.2, p. 51-66, 2004.

_____. Aprendizagens docentes no ensino superior: construção a partir de uma rede de interação e mediação. UNISINOS – **VERS – O – FINAL** - 05[1], 2005.

LUCARELLI, E. Inovação como fator de revitalização do ensinar e do aprender na universidade. In: LEITE, D. (org.). **Pedagogia universitária:** conhecimento, ética e política no ensino superior. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. Enseñar y aprender en la universidad: La articulación teoría-práctica como eje de la innovación en el aula universitaria. In: CANDAU, V.M. (org). **Ensinar e aprender:** sujeitos, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Um desafio institucional: inovação e formação pedagógica do docente universitário. In: CASTANHO, S.M.E.L.M. (orgs.). **O que há de novo na educação superior:** do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 4. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.

_____. **Educação nas ciências: interlocução e complementaridade**. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade, 2003.

OLIVEIRA, V.F. Professor do ensino superior, saberes acadêmicos e demandas profissionais. In: MOROSINI, M. (org.). **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.

_____. As redes de conhecimento e a tecnologia: imagem e cidadania. O oral e a fotografia na pesquisa com professores. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL. **Anais ...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

_____. Educação, memória e história de vida: uso da história oral. História oral. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, v.8, n. 1, jan./jun. 2005.

_____. Espaços e tempos produzindo um professor. In: MOREIRA, J.C.; COSTA, F.L.T.; MELLO, L.M.B. (orgs.). **Pedagogia universitária: campo de conhecimento em construção**. Cruz Alta, RS: Unicruz, 2005.

PRISE - Programa de Reformas e Inversiones en el Sector Educación. **Manual de gestión para la elaboración, ejecución y evaluación de proyectos innovadores en la provincia de Misiones**. Missões, ARG.: Cigram Imprenta, 1999.

QUINTANA, M. **Apontamentos de história natural**. [s.l.], 1976.

SANTOS, B.S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRINDADE, L.; LAPLANTINE, F. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

UFSM. Universidade Federal de Santa Maria. **Resolução CNE/CP 02/2002**. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia – Educação Infantil – Licenciatura Plena. Estratégias Pedagógicas. Santa Maria, 2002.

ZABALZA, M.A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.